

# RACISMO E EMOÇÕES NA INFÂNCIA: PERSPECTIVA VYGOTSKYANA E DECOLONIAL

---

*Data de submissão: 11/02/2025*

*Data de aceite: 01/04/2025*

### **Clodoaldo Reis Azarias**

Mestre em ensino pela Universidade  
Estadual do Oeste do Paraná  
(UNIOESTE)

### **Natan Reis Azarias**

Mestre em ensino pela Universidade  
Estadual do Oeste do Paraná  
(UNIOESTE)

### **Nara Cristina dos Santos Nunes**

Especialista em Educação Especial e  
Inclusiva

### **Neusa Maria Machado de Oliveira**

Mestre em educação

**PALAVRAS-CHAVE:** Vygotsky, emoções, racismo, educação infantil, desenvolvimento sociocultural, inclusão.

### **RACISM AND EMOTIONS IN CHILDHOOD: VYGOTSKYAN AND DECOLONIAL PERSPECTIVE**

**ABSTRACT:** This article explores Lev S. Vygotsky's sociocultural theory and its contributions to understanding emotions in the context of early childhood education, with an emphasis on ethno-racial issues. Through Vygotsky's perspective, we seek to highlight social and cultural interactions in the development of emotions, in order to understand racism as a social construction, and its permanent influence based on children's emotional experiences, with Coloniality/Modernity as an epistemology.

**KEYWORDS:** Vygotsky, emotions, racism, early childhood education, socio-cultural development, inclusion.

**RESUMO:** Este artigo explora a teoria sociocultural de Lev S. Vygotsky e suas contribuições para a compreensão das emoções no contexto da educação infantil, com ênfase nas questões étnico-raciais. Buscamos por meio da perspectiva vygotskiana destacar as interações sociais e culturais no desenvolvimento das emoções, para compreender o racismo como uma construção social, e sua influência permanente a partir das experiências emocionais das crianças tendo a Colonialidade/Modernidade como epistemologia.

## INTRODUÇÃO

Lev S. Vygotsky desenvolveu uma teoria que contribui para a compreensão de como as emoções e o desenvolvimento cognitivo são influenciados pelo contexto social e cultural. As funções psicológicas superiores emergem das interações sociais e são mediadas por signos e instrumentos culturais (VYGOTSKY, 1998, p. 56). Esse enfoque destaca que tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o emocional das crianças são moldados pelas experiências que vivenciam no ambiente em que estão inseridas.

Quando inserimos a questão racial nesse contexto, percebemos como essas interações estão profundamente marcadas por preconceitos e discriminações que impactam o desenvolvimento emocional desde a primeira infância, especialmente na pré-escola.

A discriminação e o preconceito evidenciam a necessidade de uma abordagem crítica por parte dos professores da educação infantil, que consideram os efeitos do racismo nas práticas educativas. Neste trabalho, propomos uma revisão bibliográfica, abordando as questões raciais na educação infantil e seus impactos emocionais.

Para isso, dialogamos com a perspectiva da epistemologia da Modernidade/Colonialidade, que analisa as estruturas de poder geradas pela colonialidade. A colonialidade, enquanto conceito, transcende o período histórico da colonização e refere-se à perpetuação de uma lógica de dominação racial e cultural que atravessa as relações sociais, políticas e econômicas.

Na educação infantil, essa lógica é reproduzida em currículos marcados pelo eurocentrismo, cujas práticas pedagógicas excluem e marginalizam os conhecimentos da cultura africana e afro-brasileira. Este estudo busca, na perspectiva Vygotskyana e epistemologia decolonial, refletir sobre como o racismo influencia no desenvolvimento das crianças e propor caminhos para uma educação mais inclusiva e transformadora.

## EDUCAÇÃO INFANTIL E A REPRODUÇÃO DO RACISMO

Na educação infantil está a base para as interações sociais, é nessa fase que as crianças internalizam, suas vivências e observações, comportamentos e atitudes refletindo as dinâmicas sociais mais amplas (GOMES, 2012). Nessa fase etária a criança está atenta aos gestos, sinais e linguagem do adulto. Vygotsky trata do uso de signos para a interação com a criança e a linguagem é um signo apresentado por ele.

A linguagem é um signo que não apenas serve para comunicar, mas também para organizar o pensamento. Quando uma criança aprende a usar as palavras, ela não está apenas aprendendo a falar, mas também a pensar de maneira mais complexa. As palavras (signos) permitem que a criança articule seus pensamentos, compartilhe experiências e compreenda conceitos abstratos.

Um ambiente marcado por signos que representam discriminação e preconceito, sentimentos tais como medo, vergonha e exclusão, desenvolve sentimentos e emoções, como baixa auto-estima, ansiedade e inadequação, em crianças de grupos racializados. Quando o medo, vergonha e exclusão são reproduzidos só o são por causa dos discursos replicados da prática estruturada na sociedade que é racista, que não leva em consideração a contribuição africana e afro-brasileira no desenvolvimento do Brasil em consideração.

Para contribuir com para a educação decolonial, intelectuais latinos-americanos, como Aníbal Quijano, Walter Dignolo e Catherine Walsh, sugerem a necessidade de uma educação crítica e descolonializada que promova ambientes - educativo, amistoso e inclusivo, que valorize a diversidade cultural e racial desde a primeira infância.

O racismo constitui todo complexo imaginário social, e a todo momento é reforçado pelo meio de comunicação, pela indústria cultural (ALMEIDA, 2021, p. 65). A discriminação é uma ação que divide um povo, por meio de limites, limites esses que não são necessariamente geográfico, já que a sala de aula une alunos em um mesmo ambiente alunos de diferenças sociais, e cor, entretanto há uma distância excludente perceptíveis nas relações e tratamento.

Para Ribeiro (2019, p. 12,13), reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante, afinal como vencer um monstro tão grande, no entanto, não devemos nos intimidar. A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas. Como na experiência vivida por um professor que narra sua dor e de sua família [...] ao ir à uma pizzaria, com a família, e foram servidos com copos descartáveis, enquanto que para os outros deram copos de vidros. Mesmo depois de questionados, os funcionários não queriam servi-los com copo de vidro, apenas com copos descartáveis [...] (AZARIAS; PRIOTTO, 2023, p.23).

Episódios como este são comuns, atribui-se tais comportamentos ao racismo estrutural e as micro-agressões vividas no cotidiano que têm impacto direto na formação das emoções e na autoimagem das crianças.

## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DECOLONIAIS**

A pré-escola é o espaço privilegiado para iniciar práticas pedagógicas a fim de desconstruir preconceitos, é nesse período que as bases para uma convivência respeitosa e igualitária podem ser lançadas. Para Vygotsky (1998), é na infância que as crianças começam a internalizar suas emoções, e os impactos do racismo estrutural também o são, seja por meio das relações sociais ou narrativas eurocêtricas predominantes.

Para contribuir para a mudança do paradigma das relações etnicoraciais, propomos a perspectiva do grupo Modernidade/Colonialidade, que oferece um novo caminho para a compreensão de como as dinâmicas de poder colonial ainda afetam o mundo contemporâneo, sobretudo na educação.

Nesse espaço, a teoria de Vygotsky (1998) contribui para demonstrar como as emoções fazem parte de processos complexos, e seu desenvolvimento se dá por meio da mediação cultural. Para Quijano (2005), a colonialidade do poder não é apenas uma cosmovisão que retrata a história, mas também tem o poder de manter a estrutura que define e hierarquiza as relações etno-raciais, influenciando os sistemas do saber e suas subjetividades.

De acordo com Oliveira (2016), a educação infantil tem o poder de atuar como um espaço de desconstrução da discriminação, da exclusão e do preconceitos. É na educação infantil e na pré-escola que se lança as sementes da igualdade, nela está a base para essa ação, por ser o terreno fértil para a utilização de diferentes abordagens para uma educação étnico-racial (AZARIAS; PRIOTTO, 2024, p. 49).

A sociedade brasileira é reconhecida como racista, e produtora de violências envolvendo pessoas negras, reproduzindo nas sobre crianças e adolescentes, tornando-os vulneráveis no crescimento e desenvolvimento (MINAYO, 2001), e ao promover práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e a inclusão, é possível criar um ambiente onde todas as crianças se sintam respeitadas e acolhidas. Para isso, é essencial que educadores tenham formação em questões étnico-raciais para poder identificar e tratar atitudes racistas e incentivar interações que promovam a empatia e a solidariedade entre as crianças.

O professor, como o outro adulto, na relação com a criança, vai por meio dos signos representar de forma positiva a vivência multicultural. Assim, como na visão de Vygotsky, os signos são fundamentais para o aprendizado e o desenvolvimento infantil, por permitirem que os indivíduos se conectem com seu ambiente social e cultural, promovendo a construção do conhecimento.

Como na proposta vygotskiana da “zona de desenvolvimento proximal” que sugere que a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem de forma mais eficaz quando há uma mediação adequada entre o adulto e a criança (VYGOTSKY, 1998). Assim, os educadores têm papel importante na orientação das crianças na construção de relações sociais positivas e igualitárias.

Cada professor vai atuar a partir de sua vivência, pois, cada ponto de vista é a vista de um ponto BOFF, 1997), isso quer dizer que a perspectiva de cada indivíduo é moldada por suas experiências, crenças e contextos pessoais. Em outras palavras, cada pessoa observa e interpreta a realidade a partir de sua própria posição, assim como um ponto de vista é limitado ao ângulo de visão de quem o observa.

Se o professor como o outro adulto na relação com a criança, tem a cosmovisão eurocêntrica, esse reproduz uma educação com os moldes estruturante vigente, entretanto se ele tem a cosmovisão decolonial, ele vai reproduzir uma educação antirracista.

De acordo com Mignolo (2007), a modernidade ocidental está ligada à colonialidade, haja vista que o progresso e a racionalidade promovidos pela modernidade tem sua construção sob a égide da dominação e a exclusão de outras formas de ser e de saber, senão a eurocêntrica.

Na educação infantil, essa realidade é percebida na ausência de representatividade e na desvalorização de culturas não ocidentais nos livros e nas grades curriculares. O que propomos é que sejam implementadas novas leituras que possam desconstruir o estereótipo onde as crianças são vistas por sua cor e sua raça, e são frequentemente confrontadas com histórias, personagens e valores que não refletem suas realidades culturais, levando a um processo de alienação ao não se ver representada de forma digna. Tais representações referentes ao negro e sua cultura, geralmente são de desprestígio, ligadas a bandidagem, vadiagem ou sexualização.

Walsh (2013), entende que é necessário desconstruir essas práticas por meio da decolonialidade que promove o reconhecimento e a valorização das múltiplas identidades culturais, sobretudo dos indígenas e afro-brasileiros. Isso só é possível por meio das novas leituras, por meio da educação intencional e precoce, como afirma Lopes (2014), a educação infantil inclusiva deve adotar uma abordagem crítica que permita às crianças reconhecerem e questionarem as desigualdades sociais.

A resistência e a indignação como forma de leitura, diante de injustiças podem ser nutridas no ambiente da escola, pois é nela que se faz a educação formal, conforme sugerem Freire (1996) e Hooks (2019). Por meio de histórias, brincadeiras e projetos pedagógicos que abordem a diversidade étnico-racial, as crianças podem aprender a valorizar diferentes culturas e perceber a importância de combater o racismo.

A educação decolonial, conforme proposta por Walsh (2013), tem como objetivo primário, romper com a lógica excludente, e incentivar práticas educacionais que promovam a diversidade e a inclusão. Isso inclui, por exemplo, a incorporação de histórias, músicas, jogos e tradições de diferentes culturas nas atividades cotidianas das escolas proporcionando que todas as crianças se sintam representadas e valorizadas.

A criança negra enquanto sujeito em processo de construção moral, cidadã e humana, está sendo moldada no processo de socialização, segundo Cavalleiro (2001) para o silêncio e para a submissão. Para mudar tal realidade para além disso, é necessário capacitar os professores para que compreendam as complexidades das relações raciais e culturais, contribuindo com uma mediação assertiva para as crianças, atuando de forma sensível, mas também crítica diante dos desafios da colonialidade no chão da escola.

## VYGOTSKY E AS EMOÇÕES NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Um estudo dos conceitos de Vygotsky, um dos principais teóricos da psicologia e educação, com os conceitos da epistemologia Colonialidade/Modernidade no contexto da educação antirracista pode promover ferramentas para a formação de professores para atuarem na educação multirracial.

As normas culturais influenciam como as emoções são expressadas e compreendidas. Isso significa que as emoções estão interligadas com o contexto social e cultural em que uma criança está inserida. A capacidade de nomear e discutir emoções pode ajudar as crianças a compreender melhor suas próprias emoções e as dos outros, promovendo um desenvolvimento emocional saudável e social.

Vygotsky (1998), entende a educação como um processo social, como uma construção que ocorre nas interações sociais, onde a aprendizagem se dá por meio do diálogo e da mediação, e o contexto cultural e histórico desempenha um papel central.

Enquanto o legado deixado pelo colonialidade impôs uma hierarquia de saberes, onde as culturas e os conhecimentos dos povos colonizados foram considerados inferiores. A modernidade, que promoveu o progresso e o desenvolvimento, também trouxe consigo a ideia de universalidade do conhecimento europeu.

O que foi considerado moderno e avançado excluiu e apagou outras formas de ver o mundo. Para uma educação antirracista, faz-se necessário levar em conta a história e as experiências dos povos originários e a população africana e afro-brasileira, e reconhecer como essa exclusão ainda reflete na sociedade.

Vygotsky (1998), tratou da importância das ferramentas culturais para o desenvolvimento cognitivo, enfatizando que o desenvolvimento humano está profundamente arraigado nas interações cuja mediação está entrelaçada pela cultura. Dessa forma os currículos escolares ao ignorarem ou distorcerem as contribuições culturais da população africanas e afro-brasileiras, limitam o potencial de aprendizado das crianças reproduzindo e reforçando estruturas de poder desiguais.

Uma educação antirracista, no entanto, precisa incluir a cosmovisão cujas práticas pedagógicas reflitam a realidade brasileira por sua pluralidade cultural e histórica da sociedade. A educação antirracista não pode ser apenas sobre ensinar a história da opressão, é de suma importância salientar que a população negra ainda sofre os reflexos do processo da colonização, resultado de tal situação, por serem sempre colocados na marginalidade da sociedade (MACHADO; SANTOS, 2022).

Quando há ausência de representatividade de protagonistas e heróis negros nos conteúdos educacionais a formação da identidade das crianças negras permencerá eurocentrada. Os personagens, histórias e valores que lhes são oferecidos nos livros e materiais didáticos, não refletem a realidade da diversidade cultural, consolidando e sustentando a estrutura de alienação, no qual muitas crianças são alijadas e não se veem como parte integral da sociedade.

Essa lacuna na educação mantém consolidados os estereótipos e desigualdades da população negra, impactando o desenvolvimento emocional e social dos alunos. Entendemos que no período colonial, direta ou indiretamente, milhões de pessoas foram massacradas em sua dignidade e por conta da condição étnica, condição que ecoa ainda em pleno século XXI.

Incluir e valorizar as vozes, os saberes, os sabores e as práticas culturais africanos e afro-brasileiros, daqueles que foram marginalizados, pode contribuir na reconstrução de uma nova história, ressignificando seu papel na construção do Brasil. O que propomos é a superação da visão única e o reconhecimento da diversidade como uma força. Tal atitude exige um processo urgente da descolonização do currículo, inclusive da epistemologia.

Então, a ideia é que, para uma educação inclusiva e antirracista, precisamos repensar as ferramentas culturais e o contexto que se está oferecendo para a aprendizagem. É necessário criar espaços onde diferentes culturas e formas de pensar possam interagir e aprender umas com as outras, sem hierarquias étnicas.

Somente reconhecendo e enfrentando essas estruturas é possível avançar para uma educação que realmente promova a equidade. É um processo contínuo de desconstrução e reconstrução. As contribuições trazidas pela Lei 10.639/2003 para prevenir a violência racial, e superar a exclusão nos ambientes escolares, são importantes, no entanto, dizem respeito aos currículos do ensino fundamental 2 e médio. A Educação infantil e a pré-escola e fundamental 1, ficaram de fora, sem dispositivos legais para auxiliar aos professores com esses conteúdos étnico-raciais (AZARIAS; PRIOTTO, 2024).

Precisamos ressignificar a modernidade, reconhecendo suas contradições, e construir uma educação que não se limite a um ideal homogêneo de progresso, mas que celebre a multiplicidade e o intercâmbio de saberes. As contribuições de Vygotsky são ferramentas válidas na atualidade para a educação antirracista, onde os professores como adulto mediador da relação com a criança, para integrar a educação com a valorização da diversidade cultural.

Embora Vygotsky reconheça que o aprendizado ocorre na interação mediada entre o indivíduo e a cultura, sua teoria não explora diretamente as relações de poder que definem quais culturas têm maior influência ou legitimidade. O objetivo dele não era discutir cultura. A epistemologia decolonial complementa essa lacuna ao criticar as estruturas de poder que perpetuam desigualdades no acesso a ferramentas culturais. Na prática educacional, a mediação vygotskiana pode se alinhar a uma pedagogia crítica e decolonial ao reconhecer que a mediação cultural não é neutra.

Por exemplo, o uso de histórias, símbolos e práticas eurocêntricas nas escolas brasileiras não apenas promove o aprendizado, mas também reforça narrativas de exclusão e inferioridade para grupos discriminados. Nesse sentido, a epistemologia decolonial alerta para a necessidade de desafiar essas narrativas e construir práticas pedagógicas inclusivas e críticas.

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), é um conceito central nas teorias de Vygotsky, descreve o espaço no qual o aprendizado ocorre por meio da colaboração com um mediador mais experiente. Na perspectiva decolonial, essa colaboração pode ser um espaço para reimaginar as relações de ensino-aprendizagem. O professor, como o adulto mediador, tem o poder de romper com a reprodução de narrativas coloniais, promovendo um currículo que valorize diferentes formas de saber.

No entanto, para que isso aconteça, é necessário uma formação especializada dos educadores para atuarem de maneira crítica. A epistemologia decolonial sugere que a ZDP deve ser ocupada com práticas pedagógicas que desafiem a colonialidade do saber, como a inclusão de histórias, práticas e epistemologias de grupos historicamente marginalizados. A teoria de Vygotsky pode ser uma aliada na construção de uma educação antirracista, desde que seja ampliada pelas críticas decoloniais.

A mediação cultural deve ser intencional, promovendo o reconhecimento das contribuições de todas as culturas e desafiando as estruturas que perpetuam o racismo estrutural. Por exemplo, a leitura de textos de autores negros, a valorização de histórias de resistência e a utilização de símbolos culturais africanos e indígenas podem enriquecer a mediação educacional. A epistemologia decolonial aponta para a necessidade de não apenas incluir essas narrativas, mas também desconstruir a hierarquia que posiciona a cultura europeia como sendo superior.

## CONCLUSÃO

Ao considerarmos as interações sociais e as questões raciais e o racismo, compreendemos como essas relações são carregadas de preconceitos e discriminações que impactam o desenvolvimento emocional das crianças desde a primeira infância, em especial na pré-escola. Assim, um ambiente marcado por discriminação racial pode levar ao desenvolvimento de emoções como medo, vergonha e exclusão em crianças de grupos racializados. Esses sentimentos se replicam na prática estruturada na sociedade, que não leva em consideração a contribuição africana para o Brasil.

Neste trabalho procuramos abordar questões raciais na formação da criança e seus impactos nas suas emoções, e trouxemos a perspectiva da epistemologia da Modernidade/Colonialidade, cuja leitura procura enxergar as estruturas de poder a partir da colonialidade, cujas práticas influenciaram e ainda influenciam a educação contemporânea. E o importante papel do professor como adulto nas relações e interações com a criança, servindo como um ponto mediador social na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

A interligação das ideias de Vygotsky e da epistemologia decolonial convida educadores a desenvolver e mediar práticas pedagógicas promotoras de igualdade, representatividade e a inclusão, tornando possível a construção de uma educação que reconheça e valorize a cultura africana e afro-brasileira, rompendo com as estruturas de poder que mantém a população negra excluída e marginalizada.



## REFERÊNCIA

ALMEIDA, S. RACISMO ESTRUTURAL. Editora Jandaíra. São Paulo, SP 2021.

AZARIAS, C. R. PRIOTTO, E. P. Discriminação e exclusão racial envolvendo estudantes negro: Percepção dos professores dos colégios Público e Privados. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu, PR, 2023.

AZARIAS, C. R. PRIOTTO, E. P. Ferramentas para Educação Antirracista: Desafios Docentes da Educação Infantil ao Ensino Médio. Pleiade, 18(43): 48-59, Abr.-Jun. Foz do Iguaçu, PR, 2024.

BOFF, L. A Águia e a Galinha. Editora Paulus. Curitiba, PR, 1997.

CAVALLEIRO, E. Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola. Summus. São Paulo, SP, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Paz e Terra. São Paulo, SP, 1996.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2012.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade. WMF Martins Fontes. São Paulo, SP, 2019.

LOPES, F. Educação infantil e a promoção da igualdade racial. Pallas. Rio de Janeiro, RJ, 2014.

OLIVEIRA, L. Inclusão e diversidade na educação infantil: práticas e desafios. Cortez. São Paulo, SP, 2016.

MACHADO, P. H.; DOS SANTOS, S. S. Memórias Do Brasil: Invasão, Tráfico De Negros E Violência: Memories Of Brazil: Invasion, Trafficking In Black And Violence. Revista Contexto & Educação, v. 37, n. 116, p. 293-307, 2022. M

MIGNOLO, W. A ideia de América Latina: A ferida colonial e a opção descolonial. Barcelona: Gedisa, 2007.

MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIBEIRO, D. Pequeno Manual antirracista. EDITORA SCHAWARCZ. São Paulo, SP, 2019.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALSH, C. Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Abya-Yala, 2013.